

## TERRA PAPAGALLI: o hibridismo literário no romance brasileiro contemporâneo

Maristela Kirst de Lima Girola<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Este ensaio propõe-se a identificar e a comentar os aspectos híbridos presentes na obra *Terra Papagalli*, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, sob a perspectiva de teóricos como Nelson H. Vieira, Zilá Bernd, Peter Burke e Néstor García Canclini. Busca demonstrar que o romance brasileiro contemporâneo pode ser considerado um gênero literário híbrido, por sua forma e temática. O hibridismo se faz presente em vários contextos a serem discutidos, como o hibridismo linguístico, cultural e religioso.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. Teoria literária. Romance contemporâneo. Hibridismo.

**Abstract:** This essay aims at explaining the hybrid aspects in *Terra Papagalli*, by José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, relying on Nelson H. Vieira's, Zilá Bernd's, Peter Burke's and Néstor García Canclini's studies, it intends to show that the Brazilian contemporary novel can be considered a hybrid literary genre, supported by the form and the theme. The hybridity is present in different contexts, this paper aims at focusing, for example, the linguistic hybridity and the cultural and religious hybridity.

**Key-words:** Brazilian Literature. Literature Theory. Contemporary novel. Hybridity.

Este ensaio propõe-se a identificar e a analisar os aspectos híbridos presentes na obra *Terra Papagalli* (2000), dos jornalistas José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, um romance, portanto, escrito a quatro mãos. Os autores recontam episódios dos primórdios da história brasileira de maneira fantasiosa e irreverente. A temática de revisitação ao passado e

---

<sup>1</sup> Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica do RS-PUCRS. maristela.klg@gmail.com ou stelah@bol.com.br.

a forma do romance remetem às ideias sobre hibridismo em vários contextos a serem discutidos, como o hibridismo de gêneros literários, hibridismo linguístico, cultural e religioso.

A narrativa compreende a trajetória de Cosme Fernandes, narrador-personagem, desde o seu nascimento, em mares portugueses, a caminho de Lisboa, em 1480, até o ano de 1536, quando está vivendo em Buenos Aires. Filho de pais judeus convertidos ao cristianismo, é enviado a um mosteiro de beneditinos para tornar-se clérigo. Contudo, envolve-se carnalmente com uma bela e jovem fidalga, chamada Lianor. Descoberto o delito, é enviado como degredado, na esquadra de Pedro Álvares Cabral, que acaba chegando, por acaso, nas terras que, mais tarde, constituirão o Brasil, onde alguns dos degredados são deixados, estando entre eles Cosme Fernandes. A partir daí, muitas aventuras aguardam o herói.

A obra é classificada como romance e em sua estrutura é possível perceber o entrecruzamento de diferentes gêneros literários. Por isso, podemos considerar *Terra Papagalli* um exemplo da ideia defendida por Peter Burke, em seu ensaio “Hibridismo Cultural”, de que os romances latino-americanos contemporâneos constituem um gênero literário híbrido e devem ser “encarados – e julgados pelos críticos – como híbridos literários e não como simples imitações do romance ocidental” (BURKE, 2003, p. 27).

Zilá Bernd, em seu artigo “Em busca do terceiro espaço”, ao abordar a hibridação no romance latino-americano, procura classificá-la em quatro níveis, embora ela mesma considere muito difícil precisá-los: “pode-se inferir que é praticamente impossível estabelecer níveis de hibridação, dada a imprevisibilidade de agenciamento dos diferentes códigos semióticos de que se apropriam os escritores em tempos de pós-modernidade” (BERND, 1998, p. 263). Além disso, uma mesma obra pode ser relacionada a mais de um nível.

O primeiro nível de hibridação, segunda a estudiosa, ocorre pela intersecção de elementos do popular-mítico (maravilhoso) em construções eruditas, estabelecendo um “trânsito entre duas lógicas que interagem e se intervalorizam sem pretensões de hierarquização e de homogeneização” (BERND, 1998, p. 264). O segundo nível se caracteriza pela inserção da cultura de massa em montagens eruditas, por meio da incorporação de discursos variados, de letras de canções, trechos de programas de auditório, entre outros, numa interpenetração quase caótica, com o objetivo de “problematizar os referenciais de leitura do romance e causar desconforto ao leitor, que é levado a refletir sobre os rituais discursivos e a sua profanação” (BERND, 1998, p. 265). Ao terceiro nível de hibridação,

Os textos tornam-se lugar de mescla de diferentes gêneros: ficção metadiscursiva, ensaio, autobiografia, entrevista, romance histórico, formas teatrais [...] verifica-se aqui um apagamento da noção de fronteiras entre os gêneros, um entrelaçamento de diferentes sistemas de significação (BERND, 1998, p. 265).

*Terra Papagalli* relaciona-se ao terceiro nível de hibridação, pois estruturalmente apresenta a mescla de diversos gêneros, num entrelaçamento de diferentes sistemas de significação. É necessário esclarecer, contudo, que nessa obra alguns gêneros literários estão

realmente imbricados no texto, sem fronteiras bem definidas, mas há outros que aparecem de maneira mais explícita, inclusive suspendendo temporariamente o fio narrativo, como se demonstrará mais adiante.

O quarto nível de hibridação ocorre especialmente nos textos de metaficção historiográfica ou paródia pós-moderna, em que o texto culto de partida é profanado e subvertido, “correspondendo à tentativa de demonstrar irreverência em relação a modelos e construção antropofágica da identidade” (BERND, 1998, p. 266). *Terra Papagalli* alcança ainda o quarto nível de hibridação, uma vez que dialoga com o discurso histórico, para profaná-lo e subvertê-lo, por meio de uma visão crítica, ácida, mas bem-humorada e irreverente da formação do Brasil.

Vejamos, então, quais são os gêneros presentes e como aparecem na obra. Podemos considerá-la, basicamente, uma espécie de romance epistolar, pois o texto consiste em uma carta dirigida ao Conde de Ourique, de nome Vasco Brandão, que é, na verdade, filho de Cosme Fernandes com Lianor, o que o leitor só descobre no final. Trata-se de uma narrativa memorialista, ficcional, com relato confessional: “Continuo a narrar minha história naquelas distantes terras, mas servindo-me agora apenas da memória” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 43). Nesse sentido, lembra a autobiografia. Entretanto, muitos títulos de “capítulos” remetem ao tom dos romances de cavalaria, ao estilo de *Dom Quixote de La Mancha* (Cervantes), como se verifica no que selecionamos a seguir: “De como Passamos Aquela Noite, Do Efeito da Nossa Medicina, Do que Aconteceu a Caoru, De Um Convite que Receberam Jácome Roiz e João Ramalho e De Uma Observação Mui Pertinaz de Piquerobi” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 14). Além do exposto, o próprio narrador explica que seu texto poderá lembrar “os livretes de aventuras que se vendem nas feiras” (TORERO; PIMENTA, 2003, p. 43).

Permeiam o texto algumas citações e divagações filosóficas, inclusive referentes a filósofos fictícios, como Santo Ernulfo: “Acredito que assim fazemos mal pois, como disse Santo Ernulfo em seu ‘Heri hodie crastinum’, o presente é mais breve que o relâmpago e o futuro não é mais que uma miragem” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 60). Mas, há também referência ao pensamento de personagens históricas como o Imperador Romano Marco Aurélio: “Disse Marco Aurélio que devemos amar os homens a quem a sorte nos associou” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 46).

Do inventado Santo Ernulfo consta até a biografia, entre as páginas 155 e 157, no “capítulo” intitulado “Que conta a vida de Santo Ernulfo e a origem do Dogma da Trindade” do qual transcrevemos o final: “E por seus milagres e sua morte pia e martirizante, o Papa Inocêncio III canonizou o homem que provou a Trindade desde então é chamado Santo Ernulfo” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 157). Ainda no campo das biografias, o narrador apresenta as de seus companheiros de degredo, consistindo em seis pequenos textos biográficos que levam como título o nome do degredado em questão, como no exemplo a seguir: “Jácome Roiz – Era natural de Torres Vedras, onde, aos dezasseis anos, empregara-se como ajudante de um boticário” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 47).

Em vários momentos, o narrador refere-se a um suposto livro sobre formações militares, com soldados dispostos de forma a comporem “letras”, para o combate em guerras, intitulado *Alphabetum Bellicum*, que lhe forneceu conhecimentos úteis para enfrentar os inimigos e sobreviver na Terra dos Papagaios (Brasil): “Tive que recorrer a todas as táticas do *Alphabetum Bellicum*, que sempre deixavam os inimigos muitíssimo espantados” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 146).

Diluídos no texto encontram-se vários provérbios populares, como se percebe no trecho que segue: “Acontece que quem semeia o trigo da vitória nunca deixa de colher o joio da inveja” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 10). Ou até inspirando o título dos “capítulos”: “De um Fato que Demonstra que Depois de Uma Tempestade Nem Sempre Vem a Bonança” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 43). Verifica-se que os provérbios não se encontram em suas versões originais, mas parodiados e adaptados de acordo com o que se sucede na narrativa.

Há também paródias de salmos da Bíblia, como, por exemplo, o salmo 91, alterado no discurso do frei que acompanhava a viagem por ocasião do abandono dos degredados nas terras brasileiras. A fim de exemplificação, segue um excerto: “Não sofrereis a inclemência dos ventos e a chuva não vos perturbará. Mil serpentes vos atacam, as bestas-feras vos cercarão, mas vós resistireis” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 46). Devemos ainda mencionar que há outras referências à Bíblia. Por exemplo, o narrador chama de “maná” o coco que caiu em sua cabeça e com o qual pôde matar a fome na terra estranha: “Hoje esse fruto é o deleite dos colonos e muito apreciado na Europa, onde o chamam de cocos, mas mais certo seria se o chamassem de maná, pois também ele caiu do céu para alimentar o povo de Deus” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 51-52).

Além disso, no decorrer da obra, o narrador vai parodiando os dez mandamentos, a fim de formular orientações úteis a quem quiser vir para a Terra dos Papagaios, o que em certa medida lembra um manual. Assim, temos dez mandamentos para se bem viver na nova terra, distribuídos ao longo do texto, enxertados entre os capítulos, tematizando-os. Por exemplo, o primeiro mandamento recomenda que se saiba “dar presentes com generosidade e sem parcimônia, porque os gentios que lá vivem encantam-se com qualquer coisa” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 58). Em seguida, sucedem-se os capítulos que abordam os primeiros contatos entre os portugueses e os nativos. Esse procedimento pode ser visto como um recurso de organização temática dos episódios, compondo uma estruturação e uma tensão narrativas que se direcionam para o desfecho, cujo ápice se dá com o décimo mandamento, o último, que resume todos os outros, assinalando uma visão crítica sobre o Brasil: “Décimo Mandamento Para Bem Viver na Terra dos Papagaios – E o resumo do meu entendimento é que naquela terra de fomes tantas e lei tão pouca, quem não come é comido” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 189).

Destacamos ainda a passagem em que Cosme Fernandes compara-se a Moisés, pois também ele e seus seguidores, ao serem expulsos de suas terras por Pero Capico, representante do Rei de Portugal, vagaram por muitos dias até encontrarem nova terra, a quem dariam o nome de Cananéia, em referência a Canaã, conforme o trecho transcrito a seguir: “Não pude

deixar de lembrar-me das páginas do Êxodo e considere quão infelizes haviam sido Moisés e todo o povo hebreu, pois percorremos uma distância semelhante, eu e minha gente, em doze dias e eles em quarenta anos” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 137).

O gênero lírico também aparece no romance. Durante a viagem de degredo, ao pensar em Lianor e em tudo o que ficara para trás, o narrador lembra dos seguintes versos atribuídos a um poeta chamado Tristão Machado:

Perdi-te, amiga, e pus-me a chorar,  
e assim dias passei, quem sabe um ano...  
Tantas foram as lágrimas a derramar,  
que quando vi, tinha chorado o Oceano.  
(TORERO; PIMENTA, 2000, p. 34-35)

Encontra-se na obra também uma paródia do famoso poema de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio”. No romance, os versos abaixo são de Jácome Roiz, um dos degredados, amigo de Cosme Fernandes:

Esta terra tem palmeiras,  
onde canta o sabiá,  
as aves que aqui gorjeiam,  
não existem em Portugal.

Este céu tem mais estrelas,  
estas almas, menos dores,  
estes bosques têm mais vida,  
estas gentias, mais amores.

Não permita Deus que eu morra,  
em outra terra que não cá;  
sem que desfrute dos amores  
que não encontro por lá;  
sem qu’inda aviste as palmeiras  
e cozinhe um sabiá.  
(TORERO; PIMENTA, 2000, p. 108-109)

Há ainda outros gêneros bem destacados no texto, como é o caso do Diário de Viagem de Cosme Fernandes, transcrito da página 23 até a 42. O diário relata os eventos compreendidos desde a partida, em Lisboa, em nove de março de 1500, a primeiro de maio do mesmo ano, quando Pedro Álvares Cabral tomou a pena do narrador, impedindo-o de continuar seus registros: “22 de abril – Logo de manhã alguns fura-buxos voaram sobre as

naus e com isso agitaram-se todos, por serem estes sinais da proximidade de terra” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 37).

No texto há também a transcrição de um livro que Cosme Fernandes escreveu sobre as espécies animais que viviam sobre a Terra dos Papagaios, consistindo em uma obra ligada à Zoologia. O livro intitula-se “Liber Monstrorum de Diversis Generibus” e sobre ele fala o narrador:

Caso sejais como os tolos leitores de hoje, que preferem as novelas aventurosas aos livros de ciência, aconselho-vos a saltar de um só golpe as próximas folhas [...] talvez apreciéis esse pequeníssimo livro que escrevi nos dias que passei naquele país, mal imitando os bestiários que se imprimiam na Europa no tempo da minha mocidade (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 110).

Nesse livro há a descrição de animais reais como os tatus, por exemplo, mas há também a descrição de animais imaginados, como os “zopardos”, como se verifica no trecho a seguir: “O zepardo é um dos animais mais estranhos da Terra dos Papagaios e tem corpo de zebra e cabeça de leopardo” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 125).

O gênero epistolar se faz presente não só pela própria narrativa ser uma grande carta, mas também por conter a transcrição de outras cartas, bilhetes e convites, trocados pelos personagens. Temos a carta que Lopo de Pina, um dos degredados, enviou a Cosme Fernandes, a quem ele chamava de Bacharel, para avisá-lo de que recebera um cargo de confiança de Pero Capico; a carta-resposta do “Bacharel” a Lopo de Pina; a carta que a filha mais velha do narrador, Mbiracê, enviou-lhe, durante visita a Lisboa, contando suas impressões sobre a Europa; a carta do genro de Cosme Fernandes, Francisco de Chaves, ao sogro, avisando-o das trapaças de Lopo de Pina; o convite de Lopo de Pina a Cosme e a sua esposa para um jantar e a carta de Lopo de Pina ordenando que Cosme e sua gente deixem as terras de Cananéia: “Quero que saibas que é com muito pesar que te dou uma semana para sair de minhas terras” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 173).

A obra *Terra Papagalli*, pelo que se pode observar, é um romance híbrido, pois mistura e alterna diferentes gêneros literários e discursos, como o epistolar, o romance histórico, o diário, a biografia e a autobiografia, o texto científico, a poesia, os provérbios, os salmos bíblicos e mantém relações de intertextualidade com a História, a Filosofia, a Zoologia e a Religião. Por isso, podemos relacionar *Terra Papagalli* ao conceito de hibridação citado por Zilá Bernd: “uma organização narrativa complexa, plural, heterogênea onde impurezas, reapropriações, subversões, ambiguidades, equívocos e transgressões misturam-se, imbricam-se, confrontam-se numa nova perspectiva estética” (BERND, 1998, p. 263).

Além do hibridismo de gêneros, é possível percebermos outras formas de hibridismo na obra em estudo. Por exemplo, o hibridismo linguístico, pela escolha do léxico, que mescla termos atuais com expressões portuguesas do século XVI, como “mui” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 74) e “dezasseis” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 47), ao invés de dezesseis, preferida nos dias de hoje. Ocorre ainda a utilização de máximas e de vocábulos em

Latim, como “magister” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 11), e a apropriação da língua indígena, por meio do convívio com os nativos: “E nós muito perturbados, respondemos ‘ereiupe’ sem saber o que isso queria dizer” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 59-60), bem como a inclusão de um dicionário intitulado “Breve e sumaríssimo dicionário da língua que falam os Tupiniquins”, transcrito entre as páginas 67 e 69.

Outro hibridismo presente na obra é o religioso. Em primeiro lugar, o próprio protagonista, Cosme Fernandes, é um híbrido religioso, pois seus pais são judeus, que se converteram ao cristianismo por pressões sociais, mas que continuam sendo acusados de judaizantes. Enviar o filho para ser clérigo foi uma tentativa de provar a conversão. Porém, quando Cosme Fernandes é preso por seduzir Lianor, é logo xingado de judeu. A escolha de um personagem híbrido como centro da narrativa confirma uma tendência das literaturas americanas, apontada por Zilá Bernd, para a direção do múltiplo e “a opção de seus autores mais representativos pelos personagens híbridos para ilustrar o tecido heterogêneo de que é feita a cultura americana” (BERND, 1998, p. 262).

À medida que crescia a convivência de Cosme Fernandes e os demais degredados com os índios, evidenciava-se um hibridismo religioso, por meio da comparação e da mistura entre os ritos judaico-cristãos e os indígenas. Um primeiro exemplo a ser citado é o “duelo” entre Javé e Tupã, que ocorreu na taba, quando o cacique, Piquerobi, adoeceu. Foi chamado o Pajé Caoru, para buscar uma cura que não foi alcançada, através de seus rituais de afastamento de maus-espíritos: “Começou então a fazer um curioso ritual. Depois de dar uma erva para Piquerobi mascar, acendeu vários fogos e ergueu a cabaça para o céu” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 73). Em seguida, o cacique apelou para os degredados que, entre outras coisas, fizeram uma sangria, técnica ocidental, chegando a melhores resultados. Os índios viram os procedimentos de maneira religiosa e mística. Travaram também algumas discussões sobre qual deus seria mais poderoso: “Maior é o nosso Deus que dividiu o mar em duas partes! E ele disse: Pois o meu manda os relâmpagos e fala com voz de trovão!” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 71).

Outro aspecto relativo ao hibridismo religioso ocorreu pelo choque entre a monogamia e a poligamia que, no início, provocou estranhamento em ambas as partes:

Tão agradecido ficou que pedia que subissem a serra e fossem morar com ele, tomando suas filhas por esposa. Os dois agradeceram, mas disseram que já eram casados. Riram-se muito disso Tibiriçá e Piquerobi, e não conseguiam entender por que, tendo eles uma mulher, não poderiam ter outras. Expliquei-lhes então que a nossa fé exigia que o homem tivesse apenas uma esposa. Piquerobi ficou admirado com aquilo e, depois de pensar um pouco, respondeu que queria os nossos milagres, mas não a nossa religião (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 75).

Os europeus, contudo, assimilaram o costume indígena da poligamia com facilidade, passado algum tempo:

Pensei que Terebê fosse chorar e fazer escândalo quando soubesse que seria apenas uma entre as doze esposas, mas ela muito me surpreendeu, achando tudo natural e de pouco espanto, o que mostra que, além dos banhos diários, têm as gentias ainda outras coisas que ensinar às europeias (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 97).

Sendo assim, é evidente que está também presente na obra o hibridismo étnico, por meio da mistura racial entre o índio e o branco. Um bom exemplo desse hibridismo encontra-se na passagem em que Cosme Fernandes descreve a sua primeira filha, em seus primeiros dias de vida:

Foi meu primeiro filho uma filha. Era bem composta, sã como uma cabritinha e menos feia do que se podia esperar. Sua tez era mais avermelhada, puxada para a cor do leão; seu cabelo era corredo, porém trazia como que uns cachos nas pontas. Os olhos eram os da mãe, e também a alegria, porque nunca houvera visto menina tão risonha. O nariz, felizmente, saiu ao meu. [...] Como nascera na Terra dos Papagaios, não quis dar-lhe um nome cristão e a chamei Mbiracê (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 85).

Essa interação entre os brancos e os índios gerou um hibridismo cultural, por meio do confronto de ideologias e de hábitos e costumes. Sabemos que o choque cultural entre o índio e o europeu, de modo geral, deu-se por meio da violência, da imposição do mais forte, ou seja, do branco sobre o índio. Em *Terra Papagalli*, o encontro de culturas diferentes foi acontecendo de maneira pacífica e gradual, pela convivência, embora o protagonista, Cosme Fernandes, vislumbrasse o que seus conterrâneos portugueses seriam capazes de fazer com os índios quando realmente tomassem posse do Brasil. Percebemos na obra o hibridismo cultural, pois nela evidenciam-se aspectos culturais portugueses que passaram a ser incorporados pelos índios e, igualmente, costumes indígenas que passaram a integrar a vida daqueles portugueses.

Peter Burke aborda a relação entre portugueses e índios ao comentar a variedade de situações de encontros culturais:

A troca cultural nas colônias espanholas e na colônia portuguesa na América não se deu em pé de igualdade. A iniciativa esteve geralmente com os emprestadores, mesmo que seja possível perceber exemplos do que tem sido descrito como 'aculturação inversa' em alguns domínios, já que os colonizadores gradualmente adotaram elementos da cultura nativa, do tabaco à rede (BURKE, 2003, p. 66).

Essa "aculturação inversa" aparece bem representada no romance e também pode ser explicada de outra maneira, utilizando-se dois termos consagrados por Néstor García Canclini, sendo eles "desterritorialização" e "reterritorialização", já que os degredados foram

retirados da sociedade portuguesa e colocados em um novo espaço geográfico e social, no qual passaram a interagir com uma outra cultura. Canclini, em sua obra “*Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*”, explica que os termos referem-se aos seguintes processos: “La pérdida de la relación ‘natural’ de la cultura con los territorios geográficos y sociales, y, al mismo tiempo, ciertas relocalizaciones territoriales relativas, parciales, de las viejas y nuevas producciones simbólicas” (CANCLINI, 1989, p. 288).

No primeiro contato que mantiveram com a tribo tupiniquim, os degredados procuraram trocar favores e objetos, o que foi a primeira troca cultural entre eles. Segundo Peter Burke, a troca cultural ocorre em uma “zona de comércio” (BURKE, 2003, p. 70), que seria um espaço em que dois grupos distintos podem constituir uma base para um entendimento mútuo. No trecho abaixo verificamos como aconteceram esses primeiros contatos:

Olharam-nos os gentios por um tempo, mas não houve meio de entenderem o que lhes falamos. [...] Resolvemos então levá-los para a cabana a fim de fazer resgates com as coisas que trazíamos para os deixar em branda disposição. Chegando ali, deu-lhes João Ramalho umas facas, mas eles as seguravam com muito medo, sem saber como usá-las, e um deles cortou o próprio dedo. E aconteceu que, sem que eu me desse conta, sentou-se um deles do meu lado e começou a amassar uma erva até dela sair uma resina de cheiro suavíssimo. Vendo que me assustava, virou-se e fez sinais como a dizer que aquilo fecharia o corte. [...] Posto sobre a ferida, fez estancar o sangue e em dois dias tirou dela todo o sinal. Em troca desse serviço, dei-lhe um crucifixo (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 57).

O primeiro contato com as mulheres da tribo também foi marcado pela dificuldade de comunicação, pela troca cultural e pelo estranhamento, como se verifica na passagem abaixo, que mostra o rito de boas-vindas com que os degredados foram recebidos:

Puseram-nos no meio duma dessas moradias, que chamam ocas [...] entraram pela casa umas vinte mulheres velhas e aconteceu uma coisa que nos perturbou a todos, porque nunca se ouvira falar de semelhante costume. Foi isto que se puseram de repente a chorar com grande dor e gritando altas vozes. Ficamos todos pasmos e com olhos muito arregalados. [...] Com medo de as ofendemos e sermos mortos, começamos a lamentar também. Continuou aquela prantaria por um bom pedaço até que, sem nenhum aviso, pararam de chorar. Depois, duas ou três delas achegaram-se e, com caras sonsas, disseram: ‘ereiupe’. E nós, muito perturbados, respondemos: ‘Ereiupe’, sem saber o que isso queria dizer. Só mais tarde aprendi que esse choro desatinado é o modo de receberem um visitante, e que as palavras que diziam eram notícias dos que morreram (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 59-60).

Com o passar do tempo, Cosme Fernandes e seus companheiros adotaram muitos dos hábitos e costumes indígenas, sentindo-se alguns plenamente satisfeitos com o novo modo de vida. De acordo com Peter Burke, a troca é uma consequência dos encontros, mas existem reações diferentes às importações culturais, que seriam “aceitação, rejeição, segregação e adaptação” (BURKE, 2003, p. 77). No romance, em relação à maioria dos degredados, a reação ocorrida foi a adaptação. Segundo Burke, a adaptação é uma reação comum a um encontro com outra cultura: “A adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização” (BURKE, 2003, p. 91). No trecho a seguir, podemos observar a adaptação de alguns personagens:

Simão Caçapo, sendo mais amigo da conversa que do trabalho, foi quem mais depressa aprendeu a língua dos naturais. [...] João Ramalho dizia que aquele era o melhor dos lugares, porque não tinha que pagar aluguel, impostos ou dízimos; e nem tinha que ir a missas, vestir-se ou ser fiel à sua mulher. Jácome Roiz ia tão entranhado com o ser daquela terra que sempre nos dizia que já não saberia mais vestir um calção ou um sapato (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 76).

Entre os hábitos indígenas houve um porém, que chocou muito os portugueses: a antropofagia. Os índios, em um ritual que envolvia toda a tribo, consumiam a carne de seus prisioneiros, acreditando que dessa forma estariam incorporando os poderes de seus inimigos. Na passagem abaixo, podemos observar a reação de Cosme e dos demais frente à descoberta desse costume:

Assistíamos a tudo com gosto e, apesar da natural violência, achávamos aquela liturgia divertida e curiosa. Porém, quando pensamos que iam pegar os corpos dos contrários para os enterrar, aconteceu uma coisa que quase nos desmaia o coração, ficando nós durante todo aquele dia muito perturbados. [...] Só então percebemos que o fim que davam aos inimigos era comê-los (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 83-84).

Mas no final do romance percebemos que até mesmo esse costume acaba sendo adotado por Cosme Fernandes, que decide vingar-se de Lopo de Pina matando-o e comendo-o, levando, assim, ao pé da letra, a ideia de que, na Terra dos Papagaios, “quem não come é comido” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 189).

O convívio e as trocas culturais também proporcionaram ao narrador a percepção de diferenças ideológicas e filosóficas entre os brancos e os índios, que não só trocavam e misturavam hábitos e costumes, mas também ideias e concepções de vida. Um exemplo de conflito ideológico pode ser apontado em relação à religião, como no caso da incompreensão ao ritual antropofágico por parte dos portugueses e à hóstia cristã por parte dos índios:

Um dia quando fez uma hóstia de aipim e a comeu, Antonio Rodrigues explicou a Piquerobi que aquela era a carne de Jesus Cristo. Piquerobi falou então, muito sensatamente, que não entendia como podíamos censurá-lo por comer seus inimigos quando fazíamos coisa muito pior, que era comer o filho de nosso deus (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 108).

Outra diferença identificada por Cosme Fernandes, ao comparar portugueses e índios, é em relação aos seus objetivos de vida:

Como não têm necessidade de rogar, vivem num lugar de ares temperados e recebem tudo graciosamente da natureza. Senhor conde, essa gente não é como nós. É verdade que comem, bebem e, quando estão fatigados, descansam, mas também é verdade que não querem ser melhores do que os seus semelhantes e nem fazem conta de possuir coisas, e creio que nisso vão tão diferentes dos portugueses como uma pulga de um unicórnio (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 86).

Cosme Fernandes também considera os índios muito sábios e conhecedores da alma humana, apesar de não lerem os grandes pensadores:

‘Duas coisas fazem o homem feliz: uma é fazer o bem a ele mesmo, outra é fazer o mal a quem ele odeia. Na vingança fazemos as duas coisas.’ Achei aquela ideia muito estranha, porém, como não lhe achasse erro ou paradoxo, tomei aquelas palavras como prova de que os gentios, mesmo sem ler Platão, Leucipo, Santo Ernulfo e Anaxandro, também conhecem a alma humana e seus labirintos (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 177).

Essas comparações e conclusões formuladas pelo narrador são resultantes de uma autocrítica, que nos remete à questão da alteridade. Nelson H. Vieira, em seu artigo “Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a História Literária”, utiliza uma frase de Haroldo de Campos para explicitar o conceito de alteridade: “A alteridade é, antes de mais nada, um necessário exercício de autocrítica” (VIEIRA, 2003, p. 106). Além disso, segundo Vieira, a alteridade relaciona-se “ao ponto de vista daquilo que é considerado outro ou diferente, aquilo que não representa o sujeito” (VIEIRA, 2003, p. 106).

Cabe, porém, ainda acrescentarmos que o protagonista, após muitos anos vivendo na Terra dos Papagaios, não podia mais ser considerado exatamente um português, mas um ser hibridizado culturalmente. Os conflitos culturais passam a ocorrer entre ele e os portugueses que vêm chegando ao Brasil e também agravam-se as disputas com Lopo de Pina, um dos degredados que nunca se adaptou aos costumes indígenas. No trecho abaixo, é possível verificarmos o estranhamento dos portugueses que chegavam, frente aos que ali já viviam há tempos: “Era um fidalgo magro, com braços compridos, barba rala e pelado na cabeça como

Tamerlão. A primeira coisa que fez depois de se apresentar foi censurar-nos por andarmos nus” (TORERO; PIMENTA, 2000, p. 127).

Cosme Fernandes não é mais português, mas também não é índio. O que seria ele então? Brasileiro? O personagem passa a viver em um “entrelugar”, conceito que assim é definido por Vieira: “Este entrelugar é visto como o cruzamento de seres, entidades e culturas que evita a polaridade de binários, isto é, uma terceira margem do rio que reconheça as outras duas margens mas que flui rio afora, rio adentro” (VIEIRA, 2003, p. 102).

Enfim, podemos considerar a obra *Terra Papagalli* como um exemplo de romance híbrido, tanto do ponto de vista formal, já que mescla diferentes gêneros literários em sua estrutura, quanto do ponto de vista temático, abordando as trocas culturais entre brancos e índios, no período colonial, que resultaram em manifestações híbridas nos campos cultural, religioso e étnico: “La hibridez tiene un largo trayecto en las culturas latinoamericanas” (CANCLINI, 1989, p. 305). *Terra Papagalli*, portanto, relaciona-se à tendência dos romances contemporâneos de demonstrar a dinâmica cultural, a coexistência de identidades e as diversas culturas brasileiras. O romance aborda o caráter híbrido da formação étnica e cultural do Brasil, de maneira irônica, suscitando inquietação quanto à definição identitária do país. A literatura contemporânea americana busca na interpenetração e na intervalorização de diferentes discursos novo perfil identitário. Em *Terra Papagalli*, os modos culturais desvinculam-se de seus espaços e tempos originais para serem recombinados, compondo uma estrutura híbrida, que resulta de “um processo de transculturalidade [...] da justaposição e da interação de diferentes modos culturais, sem a pretensão de constituir um patrimônio estável” (BERND, 1998, p. 264). Percebe-se, assim, no romance contemporâneo uma escritura híbrida que aponta para a valorização do diverso e para o entendimento da identidade como processo de construção e reconstrução discursiva.

#### Referências:

BERND, Zilá. (Org.) **Escrituras híbridas**: estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estrategias para entrar y salir de la modernidad. México D.F.: Editorial Grijalbo, 1989.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Terra Papagalli**: narração para preguiçosos leitores da luxuriosa, irada, soberba, invejável, cobiçada e gulosa história do primeiro rei do Brasil. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice. (Org.) **Histórias da literatura**: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.